

## 1. Introdução

A riqueza de um autor se verifica quando temas podem ser discutidos a partir de sua obra, sem que todavia tais discussões se limitem a mostrar que este mesmo autor seja apenas um reflexo de sua época. Nosso objetivo consiste em mostrar como a obra de Johann Gustav Droysen (1808-1886), tendo como centro suas reflexões teóricas, pode servir de feixe para um grupo de questões que, de outra maneira, dificilmente poderia ser articulado. Percorrendo seus textos, vemos que alguns temas não somente perpassam suas obras, mas suas obras também penetram tais temas, problematizando-os e alterando-os em seu cerne.

Por mais que tenha uma indiscutível particularidade, a obra de Droysen não deixa de ser bastante simbólica para a época em que é elaborada. A vida de Droysen atravessa o século, e por isso tanto herda elementos da cultura setecentista como se insinua no século XX, e é possivelmente esta razão que permite ao estudioso várias entradas. Temos nossos motivos próprios para estudá-la e acreditamos que tais motivos podem contribuir de maneiras diversas para que alguns temas canonicamente estabelecidos possam ser revistos. Antes de apresentá-los, cabe-nos informar o que os une e torna, na verdade, encaminhamentos para tratar do problema que nos interessa: **o que significa pensar historicamente?**

Evidentemente, Droysen tratou de tal questão de maneira explícita, mas sem aprofundar-lhe as raízes, calcular as conseqüências e ver que respostas podem ser possíveis. E as possíveis respostas à pergunta pelo significado do pensamento histórico constituem a própria hipótese central deste trabalho. Pensar historicamente significa para Droysen se equilibrar em uma **dinâmica de resignação, ação e formação**<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os termos, com exceção de “formação”, são de Walter Schulz, filósofo contemporâneo, que vê a história como um movimento dialético entre *Macht und Ohnmacht*, que literalmente seria traduzido por “poder e fraqueza”. Preferimos manter o jogo de palavras que também consta no original em alemão. Cf. SCHULZ, W. *Philosophie in der veränderten Welt*. Pp.601-9.

O que tentaremos então é examinar a complexa gama de respostas possíveis à questão sobre o significado de se pensar historicamente. A própria comprovação de que não há uma resposta unívoca à pergunta sobre o significado e necessidade do pensamento histórico será suficiente para demonstrar a sinuosidade da obra teórica de Droysen, e, por extensão, do próprio conceito de história no século XIX alemão. Cada capítulo deverá dar conta de um aspecto possível das características do pensamento histórico. A primeira resposta possível, e que corresponderá ao primeiro capítulo da tese, seria a seguinte: **pensar historicamente é pensar teleologicamente**. Não estamos ressuscitando um cadáver que julgamos estar reduzido a pó; por mais que a teleologia não seja capaz de dar conta de toda a complexidade do pensamento histórico, descartá-la como possibilidade de dar sentido equivale a menosprezar a pergunta que não somente todo o historiador se faz, mas que qualquer ser humano, em algum momento de sua vida, já se fez: qual o rumo de todos os acontecimentos de minha vida, de meu país, do mundo em que vivo? “Aonde isso vai parar”? Como encarar o fim do que consideramos exemplar, o fracasso das apostas que fazemos, ou mesmo uma conseqüência inesperada (por vezes pessoalmente favorável) a partir de circunstâncias aparentemente inóspitas? Em Droysen a idéia de teleologia terá um sabor hegeliano: trata-se sobretudo de esclarecer qual a finalidade do saber histórico, ou seja, deve-se explicitar seu método, seus limites, funções, normas. É evidente pois em Droysen o esforço para o estabelecimento de uma **autonomia do conhecimento histórico**. A tarefa, se em si não é original, posto que não se pode desconsiderar a existência de Vico, Herder e tantos outros, tem um elemento bastante interessante, e, por que não dizê-lo, instigantemente contraditório. Esta autonomia do conhecimento histórico finca suas raízes no idealismo de Georg W. F. Hegel, e, por isso, relativiza gravemente a importância dada ao conceito de historicismo por imensa parte da literatura especializada em Droysen e historiografia do século XIX. Como poderá a história adquirir legitimidade científica se se arrisca a depender de uma fundamentação filosófica? Trechos generosos da obra de Droysen nos levam a pensar que sua afinidade com Hegel possuía muito mais pontos de tangência do que ele, Droysen, poderia admitir e supor. Como dissemos, estes problemas serão tratados no primeiro capítulo, no qual procuraremos estabelecer uma identidade entre Hegel e

Droysen a partir de (a) fundamentação especulativa da ciência, e (b) concepção teleológica da história. Estes dois itens constituem as duas funções deste primeiro capítulo, que seriam mostrar (a') a relativização da centralidade atribuída ao historicismo a partir justamente da fundamentação especulativa da ciência histórica, e (b') como, através da base teleológica que alimenta o pensamento histórico, a concepção de história haverá sempre de implicar uma visão resignada, em que a **vontade** se dissolve em um sentido histórico maior, em que ela se revela na verdade um **destino**.

Podemos ainda encontrar pistas das palavras teleológicas de Droysen na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, quase exatamente um século depois. O filósofo dirá em *Verdade e Método*, que “na verdade a história não nos pertence; e sim nós pertencemos à história. Muito antes de nos compreendermos a nós mesmos retrospectivamente, nós nos compreendermos evidentemente na família, na sociedade e no Estado em que vivemos”.<sup>2</sup> Ou seja: uma concepção resignada da história a servir de base para a hermenêutica que dá o tom das discussões em torno do assunto no século XX. Não podemos dispensar o primeiro capítulo para compreender adequadamente o segundo, em que tratamos da importância da hermenêutica na determinação de Droysen do significado do pensamento histórico. A hermenêutica, concentrada no termo *Verstehen* (compreensão), é para Droysen o coração do método histórico; logo, aquilo que será possivelmente o meio mais eficaz de entender o que significa pensar historicamente, posto que, limitados à teleologia de que não se escapa em um primeiro momento, o pensamento histórico facilmente se subsume a um pensamento filosófico. A hermenêutica, todavia, tem sido domínio também filosófico, sobretudo em sua tradição estabelecida ao longo do século XX. O objetivo do segundo capítulo é, pois, mostrar que o exame da hermenêutica em Droysen, se não o leva ao oposto da resignação, ou seja, à ação voluntarista, também não será simplesmente uma ramificação da teleologia hegeliana, como pressupõe (mais do que prova) Hans-Georg Gadamer. Da mesma maneira que vimos que a obsessão historista

---

<sup>2</sup> GADAMER, H.G. *Wahrheit und Methode*. p.281. In Wahrheit gehört die Geschichte nicht uns, sondern wir gehören ihr. Lange bevor wir uns in der Rückbesinnung selber verstehen, verstehen wir uns auf selbstverständliche Weise in der Familie, Gesellschaft und Staat, in denen wir leben.

é capaz de contaminar os estudos que se dedicam a entender o processo de autonomia das ciências históricas, poderemos ver como a obsessão hermenêutica em Gadamer também é capaz de passar em brancas nuvens pensamentos que não julgaríamos possíveis de encontrar em meados do século XIX, o que deverá ser provado quando percebermos que a hermenêutica, ao menos na concepção de Droysen, não é uma conseqüência da resignação que encontraremos quase soberana no primeiro capítulo; na verdade, a hermenêutica será fundamentalmente criativa na medida que é um caminho (método) que lentamente descobre que tal caminho é próprio. Por isso, é ativa. Assim, se no primeiro capítulo diremos que em Droysen pensar historicamente é pensar teleologicamente, no segundo afirmaremos que **pensar historicamente passa a ser pensar hermeneuticamente**, pensar interpretando: o historiador, ou aquele que pensa historicamente em geral, não se contentaria em descobrir uma lei maior que o antecede e perante a qual, de tão fraco, ele se sente impotente. Para Droysen, a interpretação se inicia com a culpa, ou seja, a própria consciência desperta a partir da compreensão de um processo superior e amplo já a torna culpada, e, por isso, participativa. Droysen disse que o método histórico, é, *forschend, zu verstehen*, ou seja, compreender enquanto se pesquisa; veremos que pensar historicamente é *schwankend, zu verstehen*; compreender, enquanto se oscila, ou para ser mais grosseiro, compreender cambaleando. Para além da culpa, encontraremos uma dimensão ativa na hermenêutica que colide com a crítica habitual de que a hermenêutica oitocentista alemã reduz-se à empatia. Interpretar o mundo já não seria modificá-lo, e interpretar não seria perceber que sempre o modificamos, mesmo que nem sempre de forma imediata e consciente? Este é um outro feixe de questões: não somente ver uma ligação entre teleologia e hermenêutica, entre utopia e a importância do presente como fontes de sentido histórico; mas ver justamente que o ato de interpretar cumpre um débito para com o presente significa ver que pensar historicamente, no registro hermenêutico, é ação. A hipótese deste segundo capítulo é conseqüência do primeiro: uma vez demonstrada a insuficiência do historicismo, podemos ver como o presente é fonte de sentido da história. A principal função deste capítulo será a de demonstrar, ao contrário do que se diz sobre a idéia de hermenêutica oitocentista como um método baseado na “empatia com o passado”,

como o presente é este lugar privilegiado, ainda que não absoluto porque justamente consciente de sua orfandade em relação ao passado e mesmo ao futuro.

Uma terceira resposta para o sentido de pensar historicamente ainda poderia ser encontrada na obra de Droysen; nela é possível vermos como a *Historik* é mais do que um conjunto de regras, normas e métodos, ainda que tal conjunto tenha sido estabelecido dentro do próprio limite da ciência histórica. Na verdade, quando limitamos a análise teórica da história neste ponto, simplesmente não saímos do limite profissional da ciência histórica. Tarefa importante, mas que não dá conta do que realmente interessa, pois pressupõe que a história existe em si e é possível, deixando de investigar se ela é necessária, ou seja, se para sair de uma certa ingenuidade, o homem precisa pensar historicamente. Porque é importante se educar sobre o passado? É a pergunta que Droysen (se) faz, e para a qual permanecem silenciosas a hermenêutica e a teleologia. É a pergunta da possibilidade de uma cultura histórica, da *Bildung*. É ela que dá o mote do terceiro capítulo, que deverá primeiramente examinar justamente o que é o homem culto formado pela história, sem esquecer que ainda mantemos o pé na questão da resignação e da ação. E é justamente neste ponto que Droysen ocupa um lugar histórico interessante: se ele poderá se separar da filosofia do absoluto de Hegel, e, com a hermenêutica, passar à crítica da pretensão da objetividade, isto não o levará a descartar a possibilidade de uma cultura histórica, de uma *Bildung*, crítica que marcará, por exemplo, as considerações de Friedrich Nietzsche sobre a história. A aposta de Droysen recairá sobretudo nas potências éticas da vida, e, por isso, ele conseguirá evitar a concentração das forças históricas no Estado (como fizera Hegel), diluindo-as para justamente preservar o caráter trágico e conflituoso da história.

Esta discussão é atualíssima. Afinal, trata-se de compreender o caráter do objeto da história, objeto este que, por ser necessariamente difuso (e só será difuso se se ampliar para além dos estudos das instituições públicas), não pode se limitar a uma epistemologia que tenha de antemão definido qual a natureza de seu objeto. Curiosamente, justamente para cumprir o programa de uma ciência do espírito, na qual o objeto não está jamais previamente dado na natureza e que pode se autodeterminar, Droysen precisará se libertar de uma das principais fontes do

conhecimento especulativo: Hegel e seu elogio do Estado. Mais do que examinar uma querela, devemos prestar atenção para o fato de que não há configuração ou forma histórica que seja capaz de por si encerrar a historicidade, o processo, de uma época ou de uma sociedade. Como definir pois um objeto, como ancorar-se sem que se caia em uma indiferença brutal perante tudo que é do mundo, e, por outro lado, sem que se caia em uma metafísica alérgica à história – descartando Hegel no final do processo não cairia o pensamento histórico no risco de dar razão a todos os filósofos (anteriores ao idealismo alemão, diga-se) que negavam a história como estrutura do mundo e da vida, que viam a verdade como substância e jamais, aprenderíamos depois com Hegel, como acontecimento, surgimento, processo? Parece que há uma necessidade, a partir de Droysen, em se manter em um nível empírico incerto e inseguro, que não se deixará acomodar em um aspecto pontual, em um rincão da realidade, e que ao mesmo tempo não poderá, caso queira se manter um pensamento histórico, apelar para a metafísica. A diferença em relação ao momento anterior do pensamento histórico está em investigar a história como necessidade, não mais como possibilidade. Para que tratemos da sua possibilidade, será suficiente o exame de seu método. Mas este não dá conta de sua necessidade. Para que compreendamos tal dimensão, é forçoso ultrapassar a sua dimensão normativa. **Pensar historicamente passará a ser, neste ponto, uma necessidade de pensar a história como formação.** No caso de Droysen esta será uma tarefa inadiável, posto que a idéia de formação (*Bildung*) ainda não havia sido cumprida, segundo Droysen, por qualquer outra ciência da época, e na verdade que não será resolvida a partir da definição prévia de um objeto, mas que em momento algum poderá prescindir das referências que geralmente tomamos como objetivas. Assim, ultrapassamos a dicotomia entre o dogmatismo presente (ainda que modo latente) em toda a filosofia da história e a silenciosa anarquia de toda história que se acredita puramente contingente, seja no objetivismo positivista seja na pretensão de domínio de todo o campo simbólico e expressivo que se revela em certas hermenêuticas, ou, melhor dizendo, pós-hermenêuticas que pretendem examinar seu próprio limite e aplicá-lo aos demais. Na primeira, ação era irrelevante; na segunda, poderia cair em puro subjetivismo, na

medida que o intérprete poderia moldar os fatos de acordo com um corte desejado; não se trata de uma coisa, nem de outra.

O mais desconcertante é que o pensamento histórico de Droysen, ou melhor, a necessidade nele exigida para que se aprenda a pensar historicamente, por mais que não se desprenda das demandas do presente em que vive, em momento algum será reduzida a um programa ideológico definido. De acordo com Thomas Nipperdey<sup>3</sup>, o espectro político alemão entre 1815 e 1848, entre a restauração e as revoluções burguesas, se caracterizaria por três grandes modelos: o liberalismo, o nacionalismo e o conservadorismo. Por mais que Nipperdey não tenha em momento algum dito que as fronteiras entre estes tipos sejam intransponíveis, é espantoso ver que Droysen poderia ser enquadrado em todos os três. Estaríamos frente a uma contradição de nosso autor ou insuficiência de uma tentativa de análise meramente política e ideológica do significado do pensamento histórico, seu estabelecimento, desenvolvimento e crítica? Droysen, ao enfatizar a importância da *Bildung*, o desenvolvimento do homem a partir de suas próprias forças, ao ver a história sobretudo como movimento da *Bildung*, poderia ser facilmente tido como liberal – e o era politicamente, membro do Partido Casino, de centro-direita, na época da *Paulskirche* em Frankfurt, ou seja: um monarquista constitucional<sup>4</sup>. Por outro lado, e a isto corresponde sua visão teleológica da história, Droysen se mostrava conservador ao sublinhar incessantemente a finitude do homem e a incapacidade de suas ações darem sentido à história. E ainda mais: tinha uma visão bastante negativa no que diz respeito às conseqüências do progresso da ciência, em especial as ciências naturais. Não poderíamos pois nos espantar se a história se pusesse a serviço da restauração do sentido do passado. Mas tal movimento não se verifica, e, na verdade, se modula em

---

<sup>3</sup> Cf. NIPPERDEY, T. *Deutsche Geschichte 1800 – 1866*. pp. 286 – 319.

<sup>4</sup> À direita do Partido *Casino* defensor da monarquia constitucional na qual o trono teria forte poder de veto, e no qual deveria ser estabelecido um equilíbrio entre Estado e indivíduo, estava o Partido *Café Milani*, fortemente federalista e eclesiástico, defensor de tradições e do poder do Estado. O *Württembergischer Hof* seria o partido do liberalismo de esquerda, no qual o trono teria um poder menor de veto. Ainda mais à esquerda encontravam-se o *Deutsche Hof*, defensor de amplas igualdades constitucionais e do princípio da maioria (mas sempre aberto para conceder em pontos essenciais) e o *Donnersberg*, insatisfeito com os resultados de 1848 e que pretendia levar adiante o processo iniciado. Uma boa descrição do processo pode ser encontrada em NIPPERDEY, T. *Deutsche Geschichte 1800 – 1866*, pp.606-622 e SCHULZE, H.: *Der Weg zum Nationalstaat: Die deutsche Nationalbewegung vom 18. Jahrhundert bis zur Reichsgründung*.

Droysen como um nacionalismo bastante afirmativo, que entra em rota de colisão com a sua visão teleológica. A ênfase na parcialidade e o elogio do horizonte e da perspectiva historicamente situadas do historiador colocam Droysen também na trilha do nacionalismo. Portanto, esperamos que fique claro ao longo do estudo que em momento algum sua teoria da história poderá ser subordinada de modo absoluto a uma corrente ou modelo de pensamento político. Sim, jamais poderá ser apagado e negado seu envolvimento político-partidário, e, por isso, o liberalismo de Droysen poderá prevalecer perante o nacionalismo e o conservadorismo, mas se o faz, é porque tal liberalismo em momento algum terá uma conotação econômica e clássica, mas quase cultural, baseada na *Bildung* cuja função principal é a capacidade de se manter vigilante e autocrítico, distanciado de um comprometimento pragmático raso, no qual o conhecimento serviria a um fim muito específico e delimitado. Lembrar estes aspectos políticos e culturais que estão presentes no contexto de Droysen tem uma função precisa: fala-se em liberdade, mas não em termos hegelianos; o homem, para Droysen, ainda pode ser meio para si mesmo em uma crise histórica e mesmo quando suas diferentes dimensões se chocam entre si. Ou seja: a liberdade não se expressa necessariamente em uma síntese redentora e em um desejo de asseguramento através da resolução de conflitos. E isto vem mesmo de um burguês, cuja consciência histórica ultrapassa um simples elogio do progresso, da liberdade e da linearidade. O terceiro capítulo terá atingido seu objetivo se através de sua leitura ficar demonstrado que o “homem culto ideal” alemão não mora somente na torre de marfim, mas que na verdade desce do alto da montanha e percebe em si mesmo, de modo autocrítico, uma complexidade que geralmente não lhe é atribuída por nomes relevantes como Friedrich Nietzsche, Ernst Jünger e Georg Lukács. Se é capaz de pensar em um sujeito da história – e de fato o é – certamente este motor da história não pode estar calçado em uma vaga idéia de progresso linear. Na verdade, como veremos em cada capítulo, as características do pensamento histórico estão sempre marcadas por um elemento trágico, que claramente impõe um limite à pretensão absolutamente racionalista de tudo conhecer e controlar. A idéia de destino, de orfandade do presente e ainda mesmo a cisão que o “homem culto” identifica em sua própria complexidade não permitem que possamos falar em uma síntese redentora.



Tal exame só se torna possível caso fique claro como trabalharemos ao longo da tese. Trata-se sobretudo de um estudo da história dos conceitos, e isto em dois sentidos. Primeiramente, no sentido pensado por Gunter Scholtz<sup>5</sup>, que vê na *Begriffsgeschichte* a possibilidade atual da antiga filosofia da história. Ou seja: é quando a história se faz conceito de si mesma, pergunta pelos seus pressupostos, mas não se colocando fora de si mesma, ou seja, fora de suas circunstâncias. Ela se vê como objeto temporal de si mesma. Tal perspectiva se aplica não somente ao fato de se tratar de um estudo de teoria da história, e, portanto, de estarmos envolvidos sempre com o problema de ter uma “teoria da teoria” que pode ser expressa como história das idéias, história intelectual, história da cultura e entre outras divisões. De acordo porém com a definição de Scholtz, lidamos aqui com conceitos que, de alguma forma, são objetos interessantes sempre que podemos ver neles uma tentativa produtiva de dar contornos definidos ao mundo e ao conhecimento. Mas aplica-se tal método também a todo o corpo da tese, seja no primeiro capítulo, quando tratamos da idéia da história como ciência, seja no segundo, quando falamos sobretudo da compreensão como método, ou ainda mesmo do terceiro, quando lidamos com a idéia de *Bildung* e homem culto.

Para tratar das questões, espero que pareça a todos claro que escolhemos como fontes centrais os dois volumes da *Historik*, de Droysen. Vale dizer que o segundo ainda não foi publicado (nem mesmo na Alemanha), e por isso a indicação das páginas nas citações feitas desta obra não necessariamente corresponderão à paginação do livro de fato. Mas isto somente o leitor do futuro poderá averiguar. Paralelas aos dois volumes, utilizamos todas as fontes possíveis das obras de Droysen até 1857, ano da primeira preleção do *Historik* – não nos interessamos por exemplo por sua monumental “História da Prússia”, escrita até o final de sua vida. O motivo é simples: como é nosso interesse ver a necessidade da história, investigação que não pode dispensar a atividade teórica, julgamos mais interessante ver os passos que levam um autor a se decidir a escrever uma teoria da história. Não utilizaremos um método cronológico, no qual traçaríamos ano a ano o avanço de Droysen rumo a uma

---

<sup>5</sup> Cf. SCHOLTZ, Gunter. “Begriffsgeschichte als historische Philosophie und philosophische Historie”. p.187.

teoria acabada e definitiva, e isto por um motivo muito mais filosófico, digamos assim, do que didático: o que notabiliza Droysen, a nosso ver, é a constante presença do seu talento teórico e especulativo. A *Historik* não lhe caiu do céu, não foi obra inspirada, mas sim pensada por quase três décadas, e prova disto é ver como mesmo em suas preleções sobre Grécia antiga e Idade moderna estão presentes reflexões teóricas; em um determinado momento, fez-se todavia necessário expor um método e um sistema, e é nas entranhas deste que procuraremos as respostas para as perguntas que acima estão formuladas. Por mais que Jörn Rüsen tenha feito deste método de abordagem a medula de sua tese de doutoramento, sentimos a falta da percepção de que tal gênese da *Historik* se deve ao aludido talento especulativo do historiador Droysen - possivelmente por este motivo, Droysen foi saudado por nomes do porte de Hannah Arendt<sup>6</sup> e Jacob Burckhardt como um dos grandes nomes da historiografia oitocentista. Fontes que atestam seus primeiros anos de trabalho, quase todas ligadas à Grécia antiga e sobretudo às tragédias e o período helenístico, também foram utilizadas, e, com menor utilidade para os resultados que serão apresentados a seguir, fontes que servem de pista e prova para a atividade política de Droysen durante a revolução de 1848 na Alemanha.

Concluimos esta introdução com um lamento: ao menosa até onde pudemos averiguar, Droysen infelizmente permanece inédito em língua portuguesa. Por este motivo, nos vimos obrigados a traduzir todas as passagens citadas de suas obras. Naturalmente as passagens originais se encontram transcritas em notas de rodapé para controle dos leitores que dominam o alemão. Determinadas fontes primárias todavia (tais como a *Fenomenologia do Espírito* e as *Segundas considerações intemprestivas*), dada a qualidade de suas traduções, foram citadas em português nas edições de acesso relativamente fácil ao público brasileiro.

---

<sup>6</sup> Arendt refere-se a Droysen como “talvez o mais denso dos historiadores do século XIX” (ARENDR, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.110). Burckhardt, ainda aluno em Berlin, lamenta em uma carta a Friedrich von Tschudi a mudança de Droysen para Kiel em 1840. “A perda é ainda mais desastrosa porque ele me recebeu muito bem (...) Não há dúvidas quanto à sua importância, e em dez anos ele será considerado um dos grandes.” (BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Ed. Alexandre Dru. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p.131)